



Sustentabilidade: Produção Agrícola e Reciprocidade guarani/kaiowa na Aldeia Bororo.

Maristela Aquino Insfram

Rosa Sebastiana Colman

Introdução

O presente artigo é uma pesquisa ainda em andamento, trata sobre a produção agrícola alimentar entre os Guarani e Kaiowa na aldeia Bororó que faz parte da Reserva Indígena de Dourados (RID). Inicialmente, apresentaremos um pequeno histórico da Reserva que conforme Pereira (2015), contribuiu para a formação do atual cenário complexo que se encontra a Reserva.

A Reserva de Dourados, ou Posto Francisco Horta Barbosa, foi criada pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI), em 1917, pelo Decreto Estadual nº 401 de 03/09/1917, com 3.600 ha. O título definitivo da área, legalizada como patrimônio da União, foi emitido em 1965 (MONTEIRO, 2003, Apud PEREIRA, 2015, p. 781). Para compreendermos um pouco mais o cenário multiétnico em que se encontra a Reserva, (VIETTA, 2007, Apud PEREIRA 2015p.781) afirma que.

Esta área foi inicialmente, reservada aos índios da etnia kaiowa, já que ocupavam o local e suas imediações. Está situado nas cabeceiras das bacias dos córregos Laranja Doce e São Domingos, tributários da bacia do Rio Brilhante. A RID se insere no território historicamente ocupado por membros da etnia kaiowa. Isso porque antes da ocupação das frentes agropastoris, toda a região hoje compreendida pelos atuais municípios de Dourados, Rio Brilhante, Maracaju, Douradina e Fatima do Sul, compunha um único

território ampliado, Ka'aguy Rusu era o nome desse território, ou Tekoha guasu ou te'yi jusu, como é designado na língua guarani.

Ainda segundo Pereira (2015) o trabalho nos ervais deslocou as famílias dos Kaiowá e Guarani de seus territórios tradicionais¹ e quando ocorreu a criação da RID em pleno território Kaiowa, os Guarani já viviam na região e já interagiam frequentemente com os kaiowá nos acampamentos de coleta de ervas (PEREIRA, 2015, p. 782). Dessa forma, os Guarani acompanharam os deslocamentos de famílias kaiowa para o interior das reservas. Assim, também, aconteceu com as famílias terenas, foram inseridas nas formas de ocupação econômicas introduzidas pelas frentes de expansão da sociedade nacional. Resulta daí que desde seu início a RID se constituiu como área de acomodação das três etnias, produzindo um sistema multiétnico, que já dura quase um século (PEREIRA, 2015).

Para Pereira (2015, p 783.)

O processo histórico que conjuga perda de territórios de muitas comunidades, recolhimento na área de acomodação da RID e concentração de serviços indigenistas são fatores de grande importância para entender como RID adquiriu sua atual configuração demográfica política e sócio-cultural.

Conforme estudos de Pereira (2015) foi a partir da década de 1960, no período de atuação do SPI, foi imposta a divisão da terra em lotes entre as famílias indígenas. Com o tempo essa prática acabou incorporada por boa parte dos indígenas. Inicialmente os kaiowa mostraram grande resistência a esse tipo de práticas, de recortar a terra em lotes, por ser algo inconcebível dentro de sua cosmologia religiosa. Pereira (2015, p 785.) também, informa o momento que a Reserva se divide em duas aldeias:

Ainda nas primeiras décadas do século XX, o SPI dividiu a RID em duas aldeias, Jaguapiru, que passou a ser lideradas pelos terenas, e Bororó sempre liderada pelos kaiowa. No ponto extremo da aldeia bororó, nas margens do córrego que leva o

¹ O modelo de Território Kaiowá, o Tekoha guasu corresponde ao território compartilhado por diversas comunidades. O nome sagrado do Tekoha Guasu é Kanindeju (arara sagrada) e seu território ocupava a região denominada de Ka'aguy Rusu (mata grande). (PEREIRA, 2015, p. 781)

mesmo nome, residia o antigo capitão Ireneo Isnard, hoje já falecido, líder político religioso kaiowa, conseguiu manter sob seu domínio um espaço considerável, que distribuiu entre seus parentes, resistindo até a década de 1980, a compra e venda dos lotes, isso durou até sua morte, em 1986.

Nesse processo, na Terra Indígena Bororó, a divisão de lotes por famílias é desigual, poucas famílias detêm uma grande parte do território, sendo que essa maior parte, está assegurada para os filhos, netos e todos que fazem parte da família extensa, enquanto que a maioria da população indígena possui apenas um pequeno espaço de terra. Atualmente, devido ao aumento populacional, muitas famílias vivem em condições de vulnerabilidade social, falta água tratada, alimento e moradia.

Estão reservados em pequenos lotes, em áreas desmatada, solo compactado sem condições mínimas de produzir roças em seus quintais, tendo que submeter ao trabalho assalariado fora da reserva para sua atual sobrevivência. Sendo que esse modelo de vida, contrapõe a cosmovisão guarani kaiowa e as diversas práticas de relação social e de distribuição, redistribuição, reciprocidade e solidariedade vivenciadas no passado.

Nos dias atuais sabe-se que a ORID está toda loteada, tanto na aldeia Jaguapiru como na Bororó a agricultura de produção de alimentos é cada vez menos prestigiada e praticada entre os indígenas que vivem na Aldeiaö (PEREIRA, 2015, p.784).

Nesse sentido, a Terra Indígena Bororó faz fronteira com extensivas áreas de monoculturas de milho, soja e pasto convivendo com o uso intensivo de agrotóxicos e também com a falta de água, devido ao avanço violento da produção da monocultura sobre as terras da região, que ocasionou a perda da biodiversidade e das nascentes, isso reflete diretamente na aldeia, pois os pequenos córregos estão poluídos com agrotóxicos, e muitas nascentes deixaram de existir, foram assoreadas pelos fazendeiros e arrendatários de terras.

Hoje, essas populações fazem parte de um cenário social complexo, habitada por pessoas das etnias Kaiowá, Guarani e Terena, por mestiços das três etnias e por descendentes de não indígenas, possui uma população de 11.146 indivíduos (IBGE, 2010) confinados em menos de 3.600 hectares. Porém a pesquisa em andamento vem

sendo desenvolvida na Aldeia Bororó, com população predominantemente, pertencente a etnia kaiowá.

Diante desse contexto sociocultural, a pesquisa tem como objetivo realizar uma etnografia para investigar e interpretar o aspecto histórico- cultural da produção agrícola tradicional e a atual dificuldade das famílias Guarani/Kaiowá.

O interesse em conhecer a problemática humana, necessita de uma forma de fazê-la. Portanto um método, e essa metodologia determinará a melhor forma para se atingir o objeto em estudo.

Assim, essa pesquisa trata-se de um trabalho de cunho etnográfico, e observação participante no campo. Como método de coleta de dados, foram realizadas entrevistas, práticas de diálogos entre famílias e comunidade inseridas nesse contexto.

A partir do trabalho de campo, realizei uma etnografia, ouvindo e interpretando os relatos dos pesquisados, trabalhei e privilegiei no texto, também a polifonia, com os relatos de antigamente, associando as conexões e interferências dos dias atuais, dando voz aos pesquisados, enquanto sujeitos históricos. Procurei observar, refletir, descrever e interpretar as teias de relações entre sustentabilidade e reciprocidade, estabelecendo relações dialógica com a comunidade sendo, os mestres tradicionais, anciãos e Ñandesy, os quais serão de fundamental importância para essa pesquisa.

Aspectos da cultura de Produção Agrícola Guarani/kaiowa.

Os Guarani e Kaiowá do Estado do Mato Grosso do Sul são etnias que realizaram por milhares de anos os poli cultivos de subsistências em seus quintais (Kokueá). Durante anos, esses povos mantiveram alto nível de diversidade de plantas, essas populações indígenas, em sua cultura, dependiam diretamente da natureza para o seu desenvolvimento (BRAND, 1997).

As populações indígenas do Mato Grosso do Sul possuíam um território amplo para sua subsistência, para caçar, pescar, plantar e para coleta de frutas. Os indígenas Guarani/kaiowa são conhecidos como *kaçaguygua1*, que significa ão homem do matoõ. Esses adjetivos foram atribuídos aos Guarani, pois estes eram caçadores natos. Nesse ambiente, eles encontravam o sustento, principalmente os alimentos (MELIÀ, 2008).

Ainda segundo Brand (2003, p.79), essas populações Guarani kaiowa são mais numerosas no estado do Mato Grosso do Sul e possuem culturas e visões diferentes dos ocidentais como: cosmovisão, sustentabilidade, hábito alimentar e desenvolvimento sociocultural.

Serão descritos alguns aspectos da cultura de produção agrícola alimentar guarani e kaiowa da Aldeia Bororo. Roça (kokue), que significa agricultura de subsistência, produzida nos quintais de seus Tekoha.

Segundo a fala do Senhor Ricardo Arce, ancião de 67 anos, morador na Aldeia Bororo. Antigamente, os indígenas guarani/kaiowa viviam na floresta. Para sobreviverem eles procuravam algumas espécies de animais, chamados por eles de animais do mato ó Mymba Kaaguy Kuéra como: anta, capivara, todas as espécies de tatus, guasu (veado), teju hü (Lagarto preto), kuati, apereça, porco do mato (kure kaaguy) coelho do mato, paloma. E, também, pescavam as margens do rio peixes como: omandi'i, lambari, pintado, juá, piky, lobó, kara, bagre. Quando faziam grande pescada de peixes e caçadas de animais, os povos levavam para casa para fazer o Mokaø, uma prática tradicional para conservar o alimento defumando-os. Antigamente também existia muita floresta, matas fechadas, com todas as qualidades de matas nativas como: Yvyra Poty, Ipe saøyju (amarelo), roxo-rosa e morot (branco), Pau Brasil.

Como descrito no relato acima, sobre a biodiversidade, relacionado ao bem viver guarani/kaiowa, sabemos que historicamente, a cerca de 100 anos atrás, nossa região era cheia de matos, rios, pássaros e animais. Atualmente perdemos quase tudo o que chamamos de biodiversidade local, que é o conjunto complexo de seres vivos e que são fundamentais para o equilíbrio do sistema do planeta terra.

Para o senhor Ricardo Arce dentro das matas haviam todas as qualidades de frutos do mato, fazendo parte dos alimentos tradicionais indígenas em seu relato descreve como era a alimentação dos Kaiowá no passado Comiam o Mbuku, uma espécie de larva extraída do coco, pé de pindo. O ancião ainda se lembra da riqueza de frutas conhecidas Mbakuri, jatobá, jarakatiça, mamão, banana do mato, pindo, guavira vermelha, goiaba do mato branca. No relato de Arce Os Guarani kaiowa se juntavam em grupos familiares e retornavam para as matas, as margens dos rios, fazerem grandes caçadas e pescadas. Ricardo Arce comentava que ali ficavam dias caçando e pescando e alimentando as famílias. Esse lazer recebia o nome de Okaøhu.

Ainda segundo o relato do ancião da comunidade, Sr Ricardo Arce, com todos esses recursos naturais da floresta, havia também juntos, entrelaçados a roça (kokue), onde se fazia o cultivo dos alimentos: Milho branco, (avati tupi, avati morot , saøyju) batata (jety morot , jety h , jety asaø), sendo o jety, (batata) asai o mais consumido pelos kaiowa, mandioca, (mandiø morot , saøyju, karape) abobora, makuku, Kara Guassu, amendoim e melancia. Naquele tempo havia muita experiência com os mais velhos sobre o cultivo e formas de alimentação tradicionais guarani/ kaiowa. Do milho também se faz xixá, em que era servido com mel, como sobre mesa. Também se fazia xixá com uma fruta nativa chamada, Jatayva (amoreira do mato).

Da mandioca, faz-se o mbeju, kavure e pirekái (mandioca assada na casca), e também mandioca frita e cozida. Desse mesmo alimento, fazia-se também um processo chamado huøt (farinha). Normalmente, tirava-se a mandioca da terra, e enterrava-se novamente no brejo, por cinco a sete dias, para decompor-se, após isso era retirada do brejo, descascada e colocada ao sol para secar, após seca, era socada no pilão para sair a farinha (huøt). Segundo o mestre tradicional, Sr Ricardo Arce, na roça, o milho branco precisa ser benzido, isso acontece no ritual do batismo do milho, no Jerosy puku que após isso introduz-se todos os outros alimentos tradicionais.

Nesse sentido Colman e Brand, (2011, p.89) afirmam que:

Além da agricultura havia outros elementos nos quais os Guarani e Kaiowa se apoiavam para seu sustento, como a caça de vários animais, a pesca que eram abundante, e a coleta de frutos, plantas medicinais e alimentícias e, e com destaque a coleta do mel, utilizado como açúcar, e que enriquecia sua alimentação.

Ou seja, de acordo com Colman & Brand (2011) e anciãos da comunidade, antigamente as famílias guarani/kaiowa sustentavam-se da roça, cultivavam variedades de alimentos e sementes tradicionais, caçavam animais e coletavam frutas silvestres.

Conforme o relato da Ñandesy, Miguela Almeida², 80 anos, da Terra Indígena Guyra Roka, afirma que:

² Dona Miguela Almeida, 80 anos de idade, nasceu em 5 de agosto, mãe do líder Ambrósio já falecido, esposa do ancião Papito, Tito Vilhalva. Tekoha Guyra Roka. Município de Caarapó. Conversa realizada em 17 de Agosto de 2019.

Antigamente, no tempo da campanário, quilometro 20, os guarani e kaiowá eram unidos, acordavam cedo, três horas da manhã, todos levantavam juntos e fazia-se o Jety kavu hü (batata cozida). Colocava a batata preta na água quente, para comer, comiam qualquer coisa. Comiam também, todos juntos o mbakuku, assado. Nossa alimentação era natural e simples: milho branco e amarelo (avati morot ha saøyju), faziam a farinha e a pipoca. Debulhava o milho branco e amarelo, socava no pilão, depois torrava, então saia o milho moído e torrado (avati kuø).

A fala da anciã Miguela Almeida descrita acima mostra que existia a prática do bem viver guarani/kaiowa, essa concepção de que os seres humanos eram o centro em todas suas dimensões e suas relações que estabelecem com as demais sociedades, ancestralidade, forma de lutar pela vida e concebe de que tudo está interligado na natureza a dimensão da coletividade, onde um é feliz, todos estão felizes juntos.

Os Guarani e kaiowá não são nômades, nem vivem somente da caça, coleta e pesca, eram bons agricultores e produziam abundantes alimentos (BRAND, 1997; MELIÀ, 2008).

Para a prática do cultivo da roça, entre os Guarani e kaiowá, escolhiam o melhor local para plantar, utilizava o fogo na primeira limpeza da roça, somente depois faziam-se a limpeza com facção, cortando apenas os brotos das arvores, usavam ferramentas como: enxada, facção e foice e produtos naturais para combater as pragas, cinza do fogo no combate das formigas (SANGALLI et al.,2017).

Essa prática ocorria através da derrubada de matas, escolhia-se um determinado local, cortavam algumas arvores, derrubavam no chão e esperam secar e queimavam, os galhos e troncos que sobravam eram retirados, aguardavam a primeira chuva para começar a plantar, eles tinham uma ferramenta tradicional chamada de sarakua, onde eram feitas as covas, onde plantavam todos os tipos de sementes tradicionais como: milho, melancia, feijão, amendoim, arroz, abobora. Com a enxada plantava a rama de mandioca, a roça (kokue) tinha forma de roça consorciada. A manutenção era mais pratica, feita apenas através dos cortes dos brotos com facção, e esses serviam de fonte de adubo para a plantação (SANGALLI et al., 2017).

O tempo de cultivo nesse espaço dependia da fertilidade do solo, que com o passar do tempo se desgastava, e isso só era percebido pela diminuição na quantidade do alimento, ou na qualidade, então o solo desse lugar era deixado em repouso para se recuperar, através disso se escolhia um outro espaço para continuar o plantio dos cultivares (SANGALLI et al.,2017).

Nesse sentido, para os povos da etnia Pa Tavyterã³ ou Kaiowá, ãa agricultura de subsistência, é a principal atividade, e representa 80 por cento dos alimentos consumidos entre elesö (MELIÀ, GRUNBERG & GRUNBERG, 2008, p.114). Para estes autores, entre os Guarani ãa prática para o cultivo da roça ocorria após o termino da queda das geadas (roøy guasu), começando o novo ano (ombopyahujevy ñande yvy), em que a nossa terra se renovaö. (MELIÀ, GRUNBERG & GRUNBERG, 2008, p.114).

Em agosto quando floresce o ipê amarelo (tajy saøyju ipotyha), plantam-se avati morot (milho branco), dando início ao ciclo agrícola. No mês de outubro para os Pa Tavyterã refere-se o mês da penúria de comer mal (karuvai), isso se estende até a colheita do avatiky (milho verde), a partir da segunda quinzena de novembro. (MELIÀ, GRUNBERG & GRUNBERG, 2008, p.114)..

Os autores também descrevem o período das festas:

Na época do avatiky (milho verde) é tempo de festa (arete) em que há numerosos convites para beber xixá (avatikyry), que se estende até o fim de março partilhando a abundância de comida, em que facilita a extensão da vida social (MELIÀ, GRUNBERG & GRUNBERG, 2008, p.114).

Melià, Grunberg & Grunberg também relatam que no mês de abril geralmente, ãcomeçam os trabalhos de desmonte e preparação dos novos roçados. No mês de junho e agosto, seguem o tempo da direção do vento, colocam fogo no roçado (ohapy kóy). Nos meses de março a agosto, são também os meses de oferta de trabalho (changa)ö (MELIÀ, GRUNBERG & GRUNBERG, 2008. p. 114).

³ Os Pa -Tavyterã é uma etnia específica dentro dos Guarani, foram descobertos em 1750-60. Os atuais Pai são descendentes dos Caaguá XVII e também dos Itatín - XVI E XVII. (MELIÀ, GRUNBERG & GRUNBERG, 2008).

Segundo os anciãos da comunidade guarani/kaiowa as recomendações para obter uma boa cultura, era guardar sementes, para não perder a época do plantio, eram guardadas em cima do fogo, pois a fumaça protegia as sementes de insetos. O uso da cosmologia (fase da lua, posição da constelação no céu) era fundamental para definir o momento de plantar e colher (SANGALLI et al.,2017).

No preparo dos alimentos não utilizavam sal e óleo, a base alimentar era o milho e a mandioca, a maioria era assada, torrada e cozida. O consumo da carne era prioritariamente assado. (SANGALLI et al.,2017).

Segundo o relato da Ñandesy;

Antigamente, nós guarani/kaiowa não ficávamos doentes, pois na nossa alimentação não tinha sal nem gordura, (óleo) somente vaka ñaandy ha kure nhandy (óleo de vaca e de porco). Sal faz mal, dá dor no peito a comida era feita com calma, no fogo com lenha, não podia conversar, nem fazer a comida com braveza, se fizesse assim, o fogo fazia as pessoas ficarem doentes. Fazia-se o hyõa (um prato de porungo, ojapo hy´a okaru haguã (prato de porunga para comer as refeições). Não comiam arroz, só fechão puku, fechão choperi-manteka (feijão tradicional, vargem grande), quebrava, tirava uma lata, uma bacia, torrava o milho, fazia o avati kuõ (milho moído) e comia com feijão. Hoje o tempo está feio, estamos comendo só veneno (Ñandesy Miguela Almeida, 80 anos, da Terra Indígena Guyra Roka)

Todos os alimentos colhidos pela comunidade, era para subsistências das famílias e o restante era doado ou trocado, ocorrendo a reciprocidade guarani/ kaiowa, dar, receber, trocar e retribuir. Relacionando esse modelo de produção agrícola voltado para a economia de subsistência entre os Guarani e Kaiowa, que acontece através dos laços de reciprocidade e solidariedade humana assim como os povos da etnia Pa Tavyterã do Paraguai. O autor afirma:

A economia Pa é uma economia de subsistência, a base da agricultura, é um regime de produção em qual a circulação dos bens se faz através da distribuição, redistribuição e reciprocidade. Essas relações de economia se manifesta como relações sociais, e

unidades de produção e consumo sendo idênticas e parcialmente coletivas. (MELIÀ, GRUNBERG & GRUNBERG, 2008, p.109).

A reciprocidade nas palavras guarani, ou para os Guarani e Kaiowá significa: jopói e Potyrõ. O jopói significa a reciprocidade individual, que se quer, a singularidade da mão estendida e aberta, a outra é reciprocamente. O Potyrõ significa, juntos todos unidos, cada uma das palavras desapega, e em sua própria etimologia, imagina que ao ser evocadas, surgem um sentimento de realização e alegria, de alimento, esperança, um sentimento de abertura ao que chamamos de amizade e confiança. Esse valor que nasce em ambos os conceitos, antes de se definir como amizade e confiança, é antes de tudo um sentimento de humanidade e reconhecimento dessa humanidade em eu mesmo e o outro (MELIÀ & TEMPLE, 2004).

Nesse sentido, Melià afirma que ainda hoje, segue-se muito presente o sistema de intercâmbio de produtos e coisas, que se rege pelo dom. Assegurada a subsistência familiar, tem-se ainda algo ou muito para dar. Este é o sentido da festa, no verão quando é abundante a colheita do milho, da mandioca e outros produtos, como a batata o feijão e aboboras são frequentes as festas. (MELIÀ, GRUNBERG & GRUNBERG, 2008)

A festa guarani não é somente para o consumo de excedentes, é o motivo para renovar relações de amizade e de trabalho em comum. Sem festa a produção baixa sensivelmente. A palavra Jopói, comum a todos os povos guarani, significa abrir as mãos mutuamente, esta é a lei fundamental da economia guarani. (MELIÀ, GRUNBERG & GRUNBERG, 2008)

Dons recíprocos ocupam um lugar importante nas sociedades primitivas que na ocidental ,está forma primitiva das trocas não tem somente, nem essencialmente, caráter econômico, mas coloca-nos em face do que chama, numa expressão feliz, ã Um fato social totalö, isto é dotado de significação simultaneamente social e religiosa, magica e econômica ,utilitária e sentimental, jurídica e moral (LÉVI-STRAUSS,2003).

Na costa Sul da Nova Guiné, os indígenas empreendem longas viagem para executarem uma operação que, do ponto de vista econômico, parece totalmente destituída de significação. Trocam animais vivos. Igualmente nas trocas que acompanham o casamento Yukaghir os pais que receberam uma rena retribuem com outra. É que, com efeito, a troca não produz um resultado tangível, como no caso das transações comerciais de nossa sociedade. O lucro esperado não é nem direto nem

inerente às coisas trocadas, como são o lucro de dinheiro ou o valor de consumo. Para o pensamento primitivo, há na verdade outra coisa no que chamamos um õbemö diferente e daquilo que o torna cômodo para seu detentor ou para seu negociante. Os bens não são somente comodidades econômicas, mas, veículos e instrumentos da realidade de outra ordem, potencia, poder, simpatia, posição e emoção (LÉVI-STRAUSS, 2003).

Ainda hoje, indígenas da aldeia Bororó encontra se muito presente, em um sistema de circuito de trocas e intercambio de produtos e coisas. Deslocando se de suas Aldeias, fazendo um percurso do anel viário descendo a rua kaiowa sentido centro, fazendo o sistema de reciprocidade, coletando e trocando alimentos e coisas. Exemplos, trocando espigas de milho e raízes de mandioca por roupas, sapatos, pratos e panelas. Isso acontece também na rua Monte Alegre, sentido centro, fazendo o mesmo processo, coletando, trocando.

Se tratando de Guarani, para JOÃO (2011) e PEREIRA (2016), a produção agrícola, significa reciprocidade e trabalho em coletividade e tem competência e técnica para preparar o solo, plantar e colher. Conhecer a época de plantio, quem deve plantar, como plantar, quem deve colher.

Portanto a reciprocidade, dar e receber, é um aspecto importante na vida dos Guarani, é a economia chamada de reciprocidade, mediante a um processo de comunicação e ritual dos bens, dando e recebendo bens gratuitos.

Atualmente, a cosmovisão dos povos indígena Guarani/kaiowa esta em processo de adaptação ao século XXI, muitas famílias deixaram de ser plantadores de quintais, adotaram o modelo de monocultura, cultivando soja, milho, e arrendam suas terras para os terceiros. Resultando na erosão genética, empobrecimento de saberes tradicionais e perda da biodiversidade (PEREIRA, 2016).

Nesse sentido, hoje poucas famílias produzem alimentos tradicional, e aquelas que cultivam, produzem poucas variedades. A pratica do cultivo é feita na roça, utilizando técnicas que agridem o meio ambiente, tais como o uso do fogo, de fungicidas e herbicidas, além do uso de fertilizantes industrializados, contaminando a agua, o solo e o ar. Existe uma dependência do Órgão Governamental, da Funai, para o sustento das famílias e da própria pratica da agricultura: maquinas, combustível e sementes.

A maioria das famílias dependem de cestas básicas fornecidas pelo governo Estadual para se alimentarem, mas não são todas as famílias que recebem, os alimentos não são suficientes para 30 dias, a qualidade nutricional é baixa, cujas propriedades não suprem as carências diárias de nutrientes de alimentação que todo ser humano precisa para sobreviver. A cesta possui os seguintes alimentos: arroz, feijão, macarrão, sal, fubá, óleo e açúcar.

Observa-se que a base da alimentação guarani e kaiowa, hoje, são os produtos industrializados comprados na cidade. Muitos desses alimentos possuem agrotóxicos, conservantes e corantes adicionados durante o processamento, sendo as carnes bovinas e frangos, contendo alta dosagem de hormônios e ração.

Hoje a expectativa de vida entre os Guarani e Kaiowa vem diminuindo e doenças graves como câncer, pressão alta e diabetes tem sido diagnosticada entre jovens e adultos e idosos. Faz-se necessário refletir sobre as práticas agrícolas e o consumo de alimentos na atual sociedade guarani e kaiowa, repensar na importância da prática da cosmologia, e dos ensinamentos dos mestres tradicionais, como possibilidade de diminuir as doenças do homem e do ambiente indígena.

Referências

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/3208#resultado>. Acesso em 8. set. 2019.

JOÃO, Izaque. **Jakaira Reko Nheypyru Marangatu Mborahéi**: origem e fundamentos do canto ritual Jerosy Puku entre os Kaiowá de Panambi, Panambizinho e Sucuriçy, Mato Grosso do Sul. Dourados-MS. 2011. 119f. Dissertação (Mestrado em História) -Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2011.

LÉVI-STRAUSS, C. **A Estruturas Elementares do Parentesco**. Editora Vozes, 2003.

LÉVI-STRAUSS, C. "Raça e História" in **Antropologia Estrutural II** Rio de Janeiro: Raça e Cultura, 1976, capítulo I, p.1 ó 24.

MELIÀ, B.; TEMPLE, D. **El Don, La Venganza y otras formas de economia guarani** Centro de Estudios Paraguayos ãAntonio Guaschö, Asunción del Paraguay, 2004, 258 p.

MELIÀ, Bartomeu, GRÜNBERG, Georg, GRÜNBERG, Friedl., **Los Pãi-Tavyterã-Etnografia Guarani del Paraguai contemporâneo**. Asunción: Centro de Estudios Antropologicos, Universidad Catolica N.S. de la Asunción, [1976] 2008.

MOTA, Juliana Grasiéli Bueno; PEREIRA, Levi Marques. O Movimento Étnico-Socioterritorial Guarani e Kaiowa em Mato Grosso do Sul: Atuação do Estado, Impasses e Dilemas para Demarcação de Terras Indígenas. **Boletim DATALUTA**, v. 58, p. 1-15, 2012.

PEREIRA, Levi. M. **Os Kaiowa em Mato Grosso do Sul: módulos organizacionais e humanização do espaço habitado**. Dourados/MS: Ed. UFGD, 2016.127p

PEREIRA, Levi. M. A Reserva Indígena de Dourados: a atuação do Estado brasileiro e o surgimento de figurações indígenas multiétnicas p. 781 ó 794. In.: **Povos indígenas em Mato Grosso do Sul: história, cultura e transformações sociais**. CHAMORRO, Graciela, COMBÈS, Isabelle (Orgs), Dourados, MS: Ed. UFGD, 2015. 934p.

SANGALLI, A.; LADEIA, E. S. ; PEREIRA, Z. V.; BENITES, Eliel (Org.) . **Tekoha Kaaguy: Diálogos entre saberes Guarani e Kaiowá e o ensino de Ciências da Natureza**. 1. ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2017. v. 1. 256p.